

## Relato de pesquisa

### A perspectiva do envelhecer no olhar da criança



*Marina da Silva Buffo  
Sheila Karine dos Santos  
Kátia Maria Pacheco Saraiva*

**Resumo:** O presente trabalho buscou refletir a respeito de como é o envelhecer na perspectiva da criança. Trata-se de um estudo exploratório que partiu de uma intervenção realizada com três crianças de idades variando entre cinco e seis anos, sendo duas meninas e um menino. Para o estudo foi utilizado o desenho como uma ferramenta de comunicação e expressão das crianças. Os resultados mostraram que as crianças possuem ainda muitos estereótipos relacionados ao envelhecimento e ao ser velho. Outro ponto que se pôde observar é como a realidade em que estão inseridas impacta nos desenhos, como é o caso do COVID-19, pandemia vivenciada nos últimos tempos. Tendo isso em vista, conclui-se a importância da educação para o envelhecer, visando a relevância de um envelhecimento saudável e livre de preconceitos.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; crianças; idosos; representação; desenhos

## Introdução

O presente estudo irá tratar da perspectiva do envelhecer a partir do olhar da criança. Esse é um tema de pesquisa importante, pois se percebe que as crianças possuem uma visão diferente do que é o envelhecer e o “ser

velho”. Sabe-se que o envelhecer é um processo natural e que ocorre durante toda a vida, por isso nos interessa investigar o que as crianças pensam e sentem a respeito dos idosos, principalmente quando pensamos em uma educação para o envelhecimento, visto que a criança de hoje será a pessoa idosa de amanhã.

Sabe-se que existe uma distância cronológica significativa entre elas, pois ambas vivem em fases e realidades fisiológicas e temporais bem diferentes. No entanto, são justamente essas diferenças que podem proporcionar muitos aprendizados e sentimentos de valorização, sobretudo quando essas duas gerações têm oportunidade de convivência e troca de experiências significativas (SILVA e MEDINA, 2017).

Em relação à percepção da criança sobre o que é ser velho encontramos em Nogueira, *et.al.*, (2019) uma pesquisa, na qual entrevistaram diversas crianças, investigando qual a percepção que tinham sobre os idosos. Os autores constaram que boa parte das crianças associaram a imagem das pessoas idosas a dependência, apontando que as mesmas necessitavam morar próximo a um familiar ou mesmo estar em uma instituição de longa permanência. Contudo foi possível notar que algumas das crianças entrevistadas percebiam o envelhecimento de modo diferente, ou seja, como uma oportunidade de lazer, de vida saudável e de felicidade, e conseguiram atribuir aos idosos imagens de estilo de vida saudável, com boa alimentação, exercícios físicos, proximidade com a natureza e com a família.

Importante salientar que essa perspectiva de envelhecer, relatada pelas crianças, foi preconizada pela Política de Desenvolvimento Ativo - proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) - enfatizando que o envelhecimento é um processo “com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p.13).

Além disso, para Silva e Medina (2017), ao aproximar gerações, barreiras são quebradas, eliminando preconceitos e discriminações. De acordo com Ribeiro, Gomes e Jansen (2010), citados por Silva e Medina (2017), em uma relação entre velhice e infância, lembranças são resgatadas, o que é essencial para as pessoas idosas. Este e outros benefícios indicam a importância da convivência entre idoso e criança, e é necessário pensar a respeito do ‘educar para envelhecer’, pois a partir disso, estereótipos serão quebrados a respeito dos idosos, o que beneficia a convivência atual das crianças com os velhos, mas também contribui para que o envelhecimento e a velhice da própria criança sejam mais saudáveis e livres de preconceitos e limitações impostos por elas próprias.

Deste modo, pesquisar a respeito do envelhecimento não se restringe a compreensão da velhice em si, ou do ser velho, mas vai além. Por se tratar de um processo que permeia toda a vida, desde o nascimento até a morte, podemos estudar a questão em qualquer etapa do curso de vida. Daí a relevância de investigar o olhar da criança sobre esse processo: para nos ajudar a pensar em uma educação para o envelhecimento, pois acreditamos que quanto mais conhecimento e aproximação com as questões do envelhecer, maior a

probabilidade de investimento da qualidade de vida e a diminuição de preconceitos e discriminações etárias.

### **Educação para o envelhecimento**

De uma forma ampla, a educação é um processo de humanização que ocorre ao longo de toda a vida. Segundo Patrocínio e Todaro (2012) a educação para o envelhecimento não poderia ser diferente, ela deve ocorrer também ao longo do viver e em qualquer ambiente, no lar, na escola e na comunidade. Além, disso, entendemos que os espaços educativos não estão restritos a lugares, mas estão presentes na literatura, na música, na mídia, enfim nas produções culturais de um modo geral e que, por sua vez, produzem imagens estereotipadas do envelhecer, sobretudo para as crianças.

A título de ilustração podemos citar a tese de doutorado de Todaro (2008) que realizou o desenvolvimento e a avaliação de um programa de leitura de literatura infantil visando à mudança de atitudes de crianças em relação aos idosos em uma escola pública de Atibaia-SP. Participaram da investigação 248 crianças entre 7 e 10 anos do ensino fundamental. Para o estudo foi necessário o desenvolvimento de um instrumento de medida de atitudes e um projeto educacional que visava a mudança de atitudes. A tarefa central deste estudo foi levantar significados de velhice entre as crianças, e em representá-los da forma mais confiável possível, num instrumento estruturado nos moldes de uma escala diferencial semântica, de uma forma facilmente inteligível para elas. (TODARO, 2008). Os dados mostraram o impacto do programa nas atitudes das crianças investigadas, concluindo que elas são fruto de imagens de uma velhice idealizada e ao mesmo tempo negativa, retratada pela mídia, pelos contos de fadas e por outros meios simbólicos (TODARO, 2008).

Em outra pesquisa, realizada por Lopes e Park (2007), foi investigada a representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento e contou com a participação de 31 crianças que vivenciaram encontros com pessoas velhas no contexto escolar - 11 com idades entre oito e dez anos, e 20 com idades entre cinco e seis anos. Como metodologia foi utilizada o desenho que representassem pessoas velhas. Os resultados desse estudo indicaram uma representação social diversificada acerca do velho, apresentando temas como características físicas, avós, doença, morte, limitações físicas, trabalho, atividades e heterogeneidade. Em relação ao envelhecimento, este é representado pelas crianças relacionado à passagem do tempo, à qual todos os indivíduos estão sujeitos (LOPES E PARK, 2007).

Estes estudos ilustram bem que é possível educar para o envelhecimento. Além disso, nos chamou atenção não só pelos trabalhos investigativos realizados com crianças, mas por nos apresentar a possibilidade de construir intervenções educativas com o tema do envelhecimento. Assim, estes trabalhos de uma certa forma nos inspiraram a realizar a presente proposta interventiva e investigativa.

Trata-se de uma proposta que surgiu na disciplina Intervenções Psicológicas: Promoção de Saúde e que teve como objetivo principal investigar: qual a percepção do envelhecer no olhar das crianças. Quanto aos objetivos

específicos foram: identificar quais os estereótipos presentes sobre o envelhecimento e da velhice; compreender o valor da educação para o envelhecimento em crianças no ambiente familiar.

### **A Investigação e Intervenção**

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório que foi realizado a partir de uma pequena intervenção com três crianças com idades entre quatro e sete anos. Cabe salientar que o número de crianças participantes do estudo foi baixo devido à vigência da pandemia do Covid-19, visto que uma das formas adotadas para conter o contágio do Coronavírus foi o distanciamento social.

Com as participantes dessa intervenção foram adotadas duas opções de intervenção: uma delas de forma presencial, seguindo todas as medidas de segurança recomendadas pela OMS, fazendo o uso de máscaras, o espaçamento de um metro e meio entre as pessoas e álcool em gel disponível a todo instante; com outras duas crianças, como não era viável um encontro presencial seguro, foi realizada então de forma remota, por meio da plataforma *WhatsApp* vídeo em horários pré-determinados com seus responsáveis. Os encontros tiveram duração de cerca de uma hora e vinte minutos, e os participantes foram escolhidos pela proximidade e contato já existentes com as graduandas.

Em todas as entrevistas houve a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis das crianças. No encontro presencial, um dos responsáveis assinou o documento e os demais foram na forma online, sendo que os termos foram enviados para os responsáveis antecipadamente para que pudessem ler e esclarecer dúvidas e, posteriormente, responderem se aceitavam ou não participarem da intervenção.

Para a intervenção, foi solicitado que a criança realizasse três desenhos: o primeiro que desenhasse qualquer pessoa; para o segundo desenho foi solicitado que desenhasse uma pessoa mais velha que o primeiro desenho; o terceiro, uma pessoa mais velha ainda. A partir desses desenhos, algumas indagações eram feitas para as crianças com objetivo de descrever o que foi desenhado, seguindo um roteiro de perguntas semiestruturadas: Qual a idade dessa pessoa? O que ela está fazendo? E a partir das respostas surgiram novas perguntas. A partir das respostas dadas no último desenho, as pesquisadoras tentavam questionar as crianças sobre o 'por que'? Com o intuito de levá-las a pensar mais sobre os idosos e questionar alguns atributos estereotipados associados aos mesmos.

A técnica utilizada pelas pesquisadoras foi a do desenho, pois, no geral, a criança, na primeira infância, gosta muito de desenhar, e o objetivo era que esse estudo fosse prazeroso para as crianças. Além disso, o desenho é uma das primeiras formas do ser humano de se comunicar, vindo antes mesmo da fala.

Os desenhos das crianças podem ser um importante espelho sobre o que sentem e pensam quando ainda não possuem maturidade suficiente para verbalizar. Eles representam aspectos da consciência da criança, assim como

aspectos inconscientes extremamente importantes. Durante a realização das entrevistas, foi estabelecido apenas uma prioridade em cada desenho: que houvesse uma pessoa que elas considerassem mais velha que a do desenho anterior; o restante, era livre para que a criança fizesse da forma que preferisse. Isso se deu porque, quando um desenho passa a ser uma obrigação, a espontaneidade diminui, causando possíveis problemas e interferências na hora da criança expressar o que sente em determinado contexto (RIBEIRO, 2015).

### **Análise e Discussão**

A análise de conteúdo foi utilizada nesta proposta investigativa, pois segundo Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) a análise de conteúdo abarca técnicas que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes relacionadas ao contexto, bem como as inferências sobre os dados coletados. Ainda segundo os mesmos autores, a escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas das hipóteses e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas.

De acordo com Piaget (2015), é na primeira infância (dos dois aos sete anos) que a criança começa a expressar seus próprios pensamentos e vontades, mesmo que sendo influenciados pelos outros. É quando surge o egocentrismo na criança, marcado tanto pelo início do pensamento, quanto pelo início da socialização. O pensamento egocêntrico puro aparece em uma espécie de jogo, que o autor chama de “jogo simbólico”: brincar de boneca, fazer comida, etc. Esses jogos simbólicos constituem uma atividade real do pensamento, duplamente egocêntrica. A função é de satisfazer o eu por meio das brincadeiras: a criança brinca de boneca e refaz sua vida, desenha e a insere nos desenhos, o que é uma maneira de reviver todos os seus prazeres ou conflitos, resolvendo-os, ou seja, complementando a realidade através das brincadeiras.

Pode-se, assim, compreender melhor a proposta de intervenção e investigação com a utilização de desenhos com as crianças entrevistadas. Nossa primeira participante foi A.L., uma menina de seis anos de idade. Foi solicitado que desenhasse uma pessoa em uma folha e, em seguida, foi perguntada a idade da pessoa desenhada e a criança logo respondeu: *“seis anos, igual eu!”*. Pode-se dizer que a resposta da criança mostra, de acordo com Piaget (2015), que a mesma tem o pensamento egocêntrico e sua função consiste em satisfazer o eu, por meio de uma transformação do real em função dos desejos, pois na sequência a criança desenha uma pessoa que estava brincando de “slime”<sup>1</sup> e quando foi questionada aonde a pessoa estava ela diz: *“Fora da casa dela, porque na casa a mãe não deixa brincar de slime”*.

A segunda criança entrevistada foi A.N., uma menina de cinco anos, e também foi possível notar o egocentrismo. No primeiro desenho, quando a entrevistadora pergunta quem A.N. está desenhando, ela diz: *“É você”*, quando questionada o que a pessoa estava fazendo, ela diz *“Estudando na escola”*. No segundo desenho, A.N. diz ter desenhado sua irmã, e que estava num parque cheio de

---

<sup>1</sup> Um brinquedo em forma de massa gelatinosa, colorida, com textura maleável e que pode ser modelada em vários formatos.

árvores, que elas costumam frequentar. No terceiro desenho, de uma pessoa velha, A.N. desenhou sua avó, quando questionada o que ela estava fazendo, ela disse: *“Ela está me abraçando muito, sempre que eu vou lá ela me abraça muito”*. Isso mostra que a criança representou em seus desenhos cenas de seu cotidiano.

A terceira criança entrevistada foi L., um menino de cinco anos. O egocentrismo também se fez presente em seus desenhos, visto que, no primeiro e no segundo desenho ele fez pessoas do sexo masculino, o que mostra uma identificação e representação dele nos desenhos.

Além do egocentrismo, a criança na primeira infância possui pouca ou nenhuma noção lógica, agindo muito pela intuição. A criança, nessa idade, raramente consegue trazer argumentos fortes e concretos do porquê seguiu determinada linha de pensamento. De acordo com Piaget (2015, p. 27) *“até cerca de sete anos a criança permanece pré-lógica e suplementa a lógica pelo mecanismo da intuição”*.

Para realizar o segundo desenho, foi pedido para A.L. desenhar uma pessoa mais velha. Primeiramente ela diz que iria desenhar a mamãe, entretanto, quando pergunto a idade da pessoa, ela responde: *“É ela é a irmã mais velha, tem 12 anos!”*. Esta resposta indica uma noção entre as idades cronológicas de pessoa “mais velha” e “mais nova”. Entretanto, ao fazer o terceiro desenho ela passou a desenhar “a vovó” e “o vovô” dizendo *“eu não sei quantos anos os velhos têm”*. A entrevistadora continuou indagando e a criança respondeu: *“Trilhões!”*. Na sequência quando foi perguntado quantos anos ela achava que sua vó tinha A.L. disse: *“quatrocentos”*. A entrevistadora continuou o questionamento cronológico e indagou se a mesma saberia dizer com qual idade as pessoas morriam e sua resposta foi: *“com cinquenta anos”*. Essas respostas apontam para o que Piaget afirma: de dois à sete anos as crianças agem de acordo com a sua intuição, que a lógica da criança ainda está em construção, e não está totalmente elaborada.

Essa questão também está presente no primeiro desenho de L., no qual ao ser questionado quem era a pessoa do desenho, ele disse ser seu irmão mais novo, entretanto, quando a entrevistadora pergunta quantos anos a pessoa do desenho tem, ele diz *“Ele tem 18 anos, igual meu primo G.”* (primo mais novo de L.). Ao ser questionado sobre onde o irmão estava ele respondeu: *“Ele está na piscina, ué. Olha aqui, essa parte é o fundo onde só quem é grande pode ir e aqui é o rasiño, onde o irmão fica porque ele é pequeno”*.

Isso mostra uma noção de que o irmão é menor, por isso precisa ficar no raso da piscina, mas em relação à idade, ele ainda não possui um pensamento lógico, utilizando muito de sua intuição. Essa noção também está presente porque no primeiro desenho L. representa o irmão de um tamanho médio na folha. Já no segundo desenho, ele se refere a ele próprio, e como é mais velho, a representação de si no desenho preenche toda a folha, em uma tentativa de fazer essa simbolização da idade.

De acordo com Ramos (2009), mais do que termos uma idade, nós pertencemos a ela. Ou seja, temos certos tipos de comportamento, sentimentos e atitudes que são socialmente aceitos pela idade que temos. Isso se faz presente em diversas falas de A.L., como na sua fala sobre a situação do coronavírus, quando foi questionada se tinha algo que velho não podia fazer, A.L. logo disse: *“Tem, ele não pode ir passear muito, se não ele pega corona”*. Isso mostra como o contexto em que a criança está inserida interfere em sua vida e na sua percepção das coisas. Quando questionada sobre o que os idosos representados no terceiro desenho estavam fazendo, respondeu: *“Tão fazendo comida”*. E quando foi perguntado se havia algo mais que eles gostavam de fazer, a criança disse: *“Pular no sofá, pular na cama e tricotar também”*.

Um outro ponto importante da fala de A.L. foi sobre o que o “vovô” faz, pois A.L. não possui avô. Desenhando um, disse que ele gostava de ficar na oficina consertando coisas, fala que está em consonância com o que Ramos (2009) nos aponta sobre os estereótipos presentes nas falas das crianças sobre os idosos, o que também se deve aos desenhos animados e filmes, nos quais, na maioria das vezes, o avô se encontra em uma oficina consertando objetos. Isso mostra que, quando as crianças não possuem referência de um avô ou avó, o que sobressai em suas falas é o que está presente em outras situações de seu cotidiano, como é o caso dos filmes, livros, etc.

Outro ponto que pode ser relacionado com esse estereótipo presente nos programas de televisão foi a fala: *“As casas da vó são antigas, então tem morcego, e ele pica né?”*, pois entende-se que, por os avós serem velhos, as casas também são, e casas antigas possuem bichos, como é o caso de morcegos.

No terceiro desenho de A.N., ela desenhou um unicórnio e uma pessoa velha na praia, e disse que o unicórnio estava surfando. Quando foi questionada sobre se a pessoa também estava surfando, ela disse: *“Não, a pessoa velha não sabe surfar [...] Ela está muito velha pra isso”*. Nesse contexto mostra a importância da psicoeducação para o envelhecer, sendo uma das técnicas que tem uma importante função na orientação de diversos aspectos, seja a respeito das consequências de um comportamento, na construção de crenças, valores, sentimentos, etc (NOGUEIRA, CRISOSTOMO, SOUZA, e PRADO, 2017).

Fazendo o uso desse recurso, podemos mudar a crença que as crianças possuem a respeito dos idosos, mostrando que velhos podem sim surfar, caso não acarrete em nenhum outro prejuízo. Proporcionando assim melhores formas de cuidado dos idosos no futuro e desconstruindo estereótipos e estigmas ainda presentes a respeito da população idosa.

Observação que está em consonância com a teoria de Vygotsky - a aprendizagem ocorre durante as interações sociais dos sujeitos, com a ajuda de um elemento mediador. Por meio dessas interações com o meio e o mundo é que se atribui diferentes significados aos objetos do conhecimento, sendo o homem moldado pela cultura que ele próprio cria (LUCCHI, 2006). Nesse sentido, pensando na relação que a criança pode ter com o meio é possível intervir de

forma a contribuir para novas formações de conceitos para as crianças a respeito do envelhecimento.

É importante salientar que o corpo e a aparência física são meios pelos quais os seres humanos utilizam para se reconhecerem e estabelecerem relações uns com os outros. Quando um velho e uma criança se encontram, as diferenças entre os traços corpóreos delimitam a qual grupo cada indivíduo pertence, portanto, quando as crianças atribuem rugas e cabelos brancos aos velhos, é uma maneira de materializarem o conceito de pessoa velha.

O ato de considerar os avós velhos depende da maneira como os tais se portam na vida da criança (Park e Lopes, 2007). O nosso corpo “entrega” a idade que temos, aspecto evidenciado quando A.L. fez o terceiro desenho, o de uma “pessoa velha”, em que diz: *“Eu não vou ter que fazer aquelas pelinhas tudo assim, né?”*. “As pelinhas” que a criança se refere são as rugas dos idosos, que se relacionam com o estereótipo de que cabelos brancos, rugas, bengalas, etc são marcas para as crianças de um corpo velho.

Ainda no mesmo desenho a criança diz: *“a vovó e o vovô tavam aqui e vou desenhar eles de vermelho, porque eles tavam doente, mas eles tão felizes, tá?”*. Isso mostra que algumas crianças fazem uma associação da velhice com doença, como se fosse algo natural, e que a doença não impediria a felicidade dos idosos (RAMOS, 2009).

Na fala do terceiro desenho realizado por A.N. também podemos perceber isso quando ela faz referência ao cabelo prateado da avó. Quando foi questionado se ele achava que seu cabelo também ficaria assim, ela disse: *“Não né! Ele vai ficar da mesma cor”*. Ao ser perguntado se ele achava que o cabelo da avó sempre foi prateado, ela respondeu *“Eu acho que sim”*. O que mostra que o cabelo prateado é uma característica da avó, mas que para a criança é difícil imaginar que o dela também poderá ficar assim ao envelhecer.

No terceiro desenho de L., quando foi questionado o que uma pessoa velha não podia fazer, ele se referiu a uma senhora com a qual convive, e disse: *“A dona G. corre devagar... eu falo pra ela correr mais rápido, mas ela corre devagar”*. O que contribui para mostrar a característica da idosa, que é correr mais devagar que a criança.

### **Considerações finais**

Partindo do material produzido pelas crianças foi possível perceber que elas representam o mundo em que estão inseridas, e que as representações de velhice são desenvolvidas a partir das pessoas do seu convívio. Isso mostra que a questão do egocentrismo proposto por Piaget é bastante presente, assim como as colocações feitas por Park, Lopes (2007) de que as crianças têm referenciais dos idosos a partir daqueles com os quais elas convivem.

As representações das marcas do corpo velho como cabelos brancos, rugas, menor vitalidade, foram características bastantes marcadas pelas três crianças, utilizadas para distinguir um corpo velho de um corpo jovem. O que nos leva a

perceber que as crianças associam o velho com as fragilidades dos seus corpos, mostrando que eles podem se machucar com mais facilidade em determinadas atividades (RAMOS, 2009).

Em algumas falas das crianças, estavam presentes os estereótipos de que os idosos não podiam realizar determinada atividade como surfar, ir passear muito devido ao COVID-19, correr rápido. O que mostra que, há preconceito e discriminação a respeito do que o idoso pode ou não realizar, independentemente de sua condição física. De acordo com Ramos (2009), existem certos tipos de comportamento, sentimentos e atitudes que são socialmente aceitos pela idade em que temos, ou seja, existem certas atividades e relações que são destinadas a certas faixas etárias, e que ainda não são perceptíveis às crianças pequenas.

Conclui-se, portanto, a importância de intervenções como esta que trabalhe com uma proposta de educação para o envelhecimento. Acreditamos que ao trabalharmos as crianças de hoje, os velhos de amanhã, já estamos atuando tanto na quebra de estereótipos relacionados ao idoso e ao processo de envelhecimento, bem como atuamos no sentido da prevenção de um curso de envelhecimento mais saudável, gratificante e prazeroso.

## Referências

BOSSE, V.R.P. O mundo pré-operatório de Laurinha: considerações gerais sobre o estágio de pensamento pré-operatório. *Revista psicopedagogia*, V.20, n. 61, p. 76-84, 2003. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/478/o-mundo-pre-operatorio-de-laurinha--consideracoes-gerais-sobre-o-estagio-de-pensamento-pre-operatorio>

BRANDÃO, C.R. *O que é educação*. (3a ed.) (1995). São Paulo (SP): Brasiliense.

CACHIONI, M.; TODARO, M.A. Política Nacional do Idoso: Reflexão acerca das intenções direcionadas à educação formal. In: *Política Nacional do Idoso: Velhas e novas questões*. Cap. 5, p. 175-198, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9085/1/Pol%C3%ADtica%20nacional%20do%20idoso.pdf>

CAVALCANTE, R.B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M.M.K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Rev. Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/00018457.pdf>

DAWALIB, N. W.; *et. al.* Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. *Estudos de Psicologia* Campinas, V. 30; N.3; p.393-403, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2013000300009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2013000300009&script=sci_abstract&tlng=pt)

LOPES, E.S.L.; PARK, M. B. Representação Social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. *Estudos de Psicologia*. 12(2), 141-148, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a06v12n2.pdf>

LUCCI, M.A. A Proposta de Vygotsky: A Psicologia Sócio-Histórica. *Revista de currículo y formación del profesorado*. v. 10,n. 2 p. 1-11, 2006. Disponível em: <https://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2port.pdf>

MINÓ, N. M. *Percepção de crianças e adolescentes sobre o envelhecimento e estigmas ligados à velhice*. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/8180>

NOGUEIRA, C.A.; CRISOSTOMO, K. N.; SOUZA, R.S.; PRADO, J.M.; A importância da psicoeducação na terapia cognitivo-comportamental: uma revisão sistemática. *Revista das Ciências da Saúde do Oeste Baiano - Higia*; 2 (1): 108 – 120, 2017. Disponível em: <http://fasb.edu.br/revista/index.php/higia/article/view/190>

NOGUEIRA, I. S.; et. al. A identidade social do idoso na perspectiva de crianças. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. V.22 N.5; p.1-12, 2019. Disponível em: <https://www.rbgg.com.br/arquivos/edicoes/RBGG%2022-5PORT.pdf>

OMS. *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana de saúde, 2005. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)

PATROCÍNIO, W.P.; TODARO, M.Á. Programa de Educação para um Envelhecimento Saudável. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v.15, n.3, p.05-27, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/13793/10180>.

PEDROSO, A.P.F. A Teoria Sócio-Histórica de Vygotsky e o Papel da Cultura no Desenvolvimento Humano: Considerações a Respeito da aprendizagem escolar na perspectiva dos educandos jovens e adultos. *Revista interdisciplinar Sulear*, v. 2, N. 1, p. 72-80, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/3948>

PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. 25 ed. Forense Universitária. Rio de Janeiro: 2015.

RAMOS, A.C. *O corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças*. *Revista Educação e Realidade*: vol.34.n.2. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9354/5544>

RIBEIRO, I.R.F. *O Desenho como Expressão de Sentimentos das Crianças*. Relatório de Estágio. Mestrado em Educação Pré-Escolar. Porto, 2015. Disponível em:

<http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2205/1/RELATORIO-%20COM%20ANEXOS.pdf>

RIBEIRO, A.; GOMES, L.; JANSEN C. Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. *Artigos Originais*. Rio de Janeiro, 2010, p. 461-474, 2010.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, V. 25, N.4; p.585-593, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>

SILVA, R.L.; MEDINA, P. *Crianças Pequenas e a pessoa idosa: contribuição intergeracional*. *Revista Pesquiseduca: / v. 10 n. 22*, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/>

TAVARES, R. E.; *et.al.* Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 2017; V.20 N. 6; p. 889-90. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232017000600878&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232017000600878&script=sci_abstract&lng=pt)

TODARO, M. A. *Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando à mudança de atitudes de crianças em relação a idosos*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

*Data de recebimento: 26/02/2021; Data de aceite: 15/03/2021*

---

**Marina da Silva Buffo** - Graduanda do 10º período de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-campus Poços de Caldas. E-mail: [marinabuffo@gmail.com](mailto:marinabuffo@gmail.com)

**Sheila Karine dos Santos** - Graduanda do 10º período de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-campus Poços de Caldas. E-mail: [sheilakarine.santos@gmail.com](mailto:sheilakarine.santos@gmail.com)

**Kátia Maria Pacheco Saraiva** - Psicóloga, Doutora em Psicologia em Processos Psicossociais, docente do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-campus Poços de Caldas. E-mail: [katiasaraiva2011@gmail.com](mailto:katiasaraiva2011@gmail.com)

*Foto de Andrea Piacquadio/Pexels*